

O CONCEITO ANALÍTICO *HABITUS* NO ESTUDO DE PRÁTICAS ESPORTIVAS DE MULHERES

Raquel Simas¹

Resumo: Este trabalho tem como escopo a reflexão sobre um conceito pilar no pensamento de Pierre Bourdieu e que tem projeção tanto na Antropologia do Corpo quanto na do Esporte. O conceito de *habitus* é uma chave de entendimento de um mundo habitado por corpos que interiorizam uma estrutura social como um modo operante de agir e pensar o mundo. Tal conceito apresenta possibilidades e limites, que são tratados neste artigo, no estudo de práticas corporais de mulheres no esporte. Além do diálogo com outros autores da Antropologia do corpo, teóricas feministas e pesquisas nos esportes são mobilizadas para uma leitura do conceito bourdieusiano a partir dos debates sobre gênero e da crítica à ausência de uma concepção sobre a mudança social.

Palavras-chaves: Corpo; *habitus*; gênero; Esporte

The analytical concept of *habitus* in the study of women's sports practices

Abstract: This work has as its scope the reflection on a pillar concept in Pierre Bourdieu's thought that has projection both in the Anthropology of the Body and in the Anthropology of Sport. The concept of *habitus* is a key to understanding a world inhabited by bodies that internalize a social structure as an operating way of acting and thinking about the world. This concept presents possibilities and limits, which are treated in this article, in the study of body practices of women in sports. In addition to the dialogue with other authors of Anthropology of the body, feminist theorists and research in sports are mobilized for a reading of the Bourdieusian concept from the debates on gender and the criticism of the absence of a conception of social change.

Key-words: Body; *habitus*; gender; Sport

Introdução

Como é um corpo de uma atleta? Se considerarmos que são vários os esportes que podem ser praticados, múltiplos são os formatos corporais possíveis. Alguns valores, no entanto, são associados a atletas de variadas modalidades como, por exemplo, a força e a competitividade. Este corpo que busca um alto rendimento e os primeiros lugares nas competições precisa ter eficácia em

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) Universidade Federal Fluminense Email: raquelsimas@id.uff.br

produzir gestos, ações, apresentando a técnica mais certa para a consolidação do objetivo. A construção das corporalidades no esporte frequentemente é representada na mídia e em outros campos a partir da metáfora da máquina; os movimentos precisos, a repetição e o produto da prática corporal são inseridos nesta lógica de corpo-máquina, que não pode falhar se quiser colher os louros. Sobre esta metáfora, a jogadora Thayza Daher, comentando um jogo de vôlei dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021, manifestou-se criticando a concepção do corpo-máquina da atleta mulher que a impede de engravidar e exercer a maternidade. Segundo ela, o ser atleta obliteraria o ser mulher, algo que seria injusto para as mulheres que perseguem esse objetivo.

Com a ampliação das práticas esportivas para as mulheres brasileiras a partir da década de 1930 e a possibilidade de profissionalização para elas no esporte, as representações sobre a identidade do atleta e as noções sobre o corpo foram impactadas paulatinamente pelas demandas delas. Muitas competições internacionais que orientam suas normas para atletas homens precisaram se adaptar a novas cobranças (licença maternidade garantida no ranqueamento e acompanhamento das crianças amamentadas no evento, por exemplo). Patrocinadores são demandados por remuneração igual à de atletas homens, garantia de licença maternidade e combate ao assédio sexual no esporte. As mulheres reivindicam a possibilidade de engravidar e serem mães sem que isto signifique a sua aposentadoria como atleta. Assim, ativistas e atletas mobilizam narrativas sobre o campo esportivo questionando a divisão sexual e hierarquias existentes neste.

Práticas corporais se alteram neste processo sinalizando a existência de resistência à dominação masculina que associa a identidade atleta a valores atribuídos aos homens. Este novo cenário suscita questões que instigam minha pesquisa em curso sobre corporalidades, gravidez e esporte. Como estas atletas pressionam uma mudança ou não nas classificações sobre o corpo a partir de suas mobilizações? A presença destes corpos não hegemônicos no esporte altera a estrutura do campo, modificando as disposições incorporadas da ordem social, o *habitus*, conceito de Pierre Bourdieu?

O presente trabalho objetiva refletir sobre as possibilidades e limites da análise de práticas corporais de mulheres no esporte através do conceito

bourdieusiano de *habitus*. O teórico desenvolveu pesquisa em inúmeras áreas, como esporte e gênero, sendo uma referência importante citada em muitos estudos sobre corporalidades. Além dos diálogos teóricos da Antropologia do corpo apresentados no texto, autoras feministas são mobilizadas para uma leitura de Bourdieu a partir dos estudos de gênero e da concepção de mudança social requerida pelo ativismo feminista.

Corpo e *habitus*

É necessário explicar sobre o que se fala quando falamos do corpo e das corporalidades. Existe uma polissemia nas abordagens do corpo e narrativas sobre ele estão em disputa, sendo o corpo submetido às compreensões coletivas que se tem dele. Considera-se o corpo, inclusive, como terreno privilegiado de novas disputas identitárias.

Um risco nos estudos sobre as corporalidades consiste, segundo Jackson (2010), em tratar o corpo como um objeto, algo que para o antropólogo é estimulado pela visão cartesiana que separa o corpo da mente. Outra tendência nas abordagens intelectualistas sobre o corpo é secundarizar o corpo a respeito da práxis verbal. As teorias sobre o corpo são múltiplas e não é o intuito deste trabalho discorrer sobre a dicotomia corpo e mente atribuída a Descartes que alimenta a noção de corpo-máquina, como muitos pesquisadores da Antropologia do Corpo fizeram. Como se trata do desenvolvimento de uma pesquisa acerca do corpo sexuado no campo do esporte, o olhar para a teoria se dirige aos autores que apresentaram mais enfaticamente estas discussões. Em que pese a profícua análise de Michael Jackson sobre a construção de gênero e os ritos de iniciação entre os Kuranko de Serra Leoa, uma mirada mais profunda sobre a sua teoria será realizada em outra oportunidade.

A antropóloga argentina Silvia Citro (2010) organizou uma importante genealogia teórica sobre o corpo, em que enfatiza como as transformações históricas que alteram as práticas corporais modificam também as percepções sobre o corpo. A entrada das mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, implicou em uma nova corporalidade, com novos ideais de beleza, modos de se vestir e atitudes corporais. Por um lado, seus corpos precisaram ser disciplinados para atingir uma mecânica mais útil ao trabalho, com um investimento em

silhuetas mais esguias em oposição ao corpo mais robusto da dona de casa. Por outro lado, a nova estética foi multiplicada pelo mercado que oferecia produtos diversos atuando nestes corpos, em prol de uma beleza aparentemente atribuída à vontade individual das agentes. Citro pontua que este momento de inserção das mulheres na esfera pública foi notado por Marcel Mauss (2003) em seu ensaio pioneiro sobre as técnicas corporais. Um dos exemplos trazidos pelo francês correspondia ao modo de andar das jovens francesas que ele sabia ter visto anteriormente, tendo recordado ser o mesmo caminhar das estadunidenses do cinema hollywoodiano. Ou seja, a partir das reflexões sobre as suas próprias experiências corporais, Mauss cunha o conceito de técnicas corporais, influenciando muitos antropólogos a pensar sobre o corpo.

Muitos teóricos relevantes para a Antropologia do corpo, institucionalizada a partir dos anos 1970, dialogaram com Mauss. Por isso, cabe verificar um pouco mais o seu estudo sobre técnicas corporais e o conceito de *habitus* e refletir como esta teoria ilumina a análise sobre gravidez para as atletas de alto rendimento. Uma das preocupações do antropólogo na investigação sobre o corpo corresponde a demonstrar a interdependência entre as dimensões biológico-física, psicológica e social. Por isso, não há como se falar de um corpo em seu estado natural, sendo este a ferramenta com que os seres humanos moldam o mundo e a partir do qual a ordem social se inscreve. A técnica corporal consiste em um ato eficaz tradicional, sendo o corpo a principal ferramenta dos seres humanos. Temos técnicas de nadar e técnicas para ensinar a nadar a depender da cultura e do contexto, sendo alteradas com o tempo.

Neste sentido, uma forma de classificar as técnicas do corpo consiste na verificação da sua eficácia, que corresponde à destreza daquele que desempenha a técnica e indica a performance desta técnica. Uma aprendizagem bem-sucedida revela que movimentos se adaptaram para atingir com mais coordenação os objetivos. Pensando no esporte de alto rendimento praticado por mulheres, a avaliação da prática corporal considera as diferenças e especificidades de seus corpos ou requer um rendimento que anule as marcas do ser mulher? Numa cultura que privilegia o homem e que se manifesta no campo dos esportes também, questiona-se se a efetividade das técnicas corporais reforça a ideia de superioridade do corpo masculino e as falhas dos corpos que se apresentam fora

do padrão dominante. O que significa, então, um corpo grávido na prática de esportes que requerem uma destreza atrelada a outro tipo físico?

A partir da ideia de técnicas corporais, Mauss chega ao conceito de *habitus* que, longe de ser algo metafísico, uma memória misteriosa, trata-se de uma experiência prática pela aprendizagem. O *habitus* varia com as sociedades, as educações, modas e prestígios, sendo adquiridos “a través de la educación, el adiestramiento y la imitación, siempre en función de una cierta ‘autoridad social’” (*apud* CITRO, 2010, p.28).

Cabe ressaltar que Mauss era sensível à situação das mulheres, tendo convicção de que as diferenças entre os sexos no que tangia às práticas corporais provinham mais de uma educação diferenciada do que pela natureza ou dados psicológicos inatos (HANDMAN, 2014, p.59).

Andrew Strathern (1999) foi um dos que analisou a utilização do conceito de *habitus* por Pierre Bourdieu, um sucessor de Mauss no campo da Sociologia comparada, que se apropriou da concepção mais ativa sobre o papel do corpo, enfatizando a impressão e operação inconsciente das formas apreendidas de ação corporal. Emprestando a ideia de *habitus* do intelectual francês predecessor, Bourdieu considera que a ordem social é uma ordem de corpos, o corpo veste o mundo e o mundo contém o corpo. Enquanto um corpo e um indivíduo biológico, ocupamos um lugar no mundo físico e no mundo social. O corpo constitui um “princípio de coletivização” e deve ser encarado como instrumento do conhecimento, não como um empecilho como algumas teorias defenderam. Assim, uma das discussões mais centrais do autor se baseia na verificação de como a relação entre as normas coletivas, o poder social e a agência individual se expressam através e pelo corpo humano.

Em *Meditações pascalianas* (2001), o autor se contrapõe à ideia de que a pele é a fronteira do corpo, colocada como um sinal visível por muitos teóricos da atomização dos corpos e do afastamento do outro. Bourdieu considera muito ingênua esta crença na materialidade do ser que reduz os humanos a sua expressão corporal captada pelos sentidos e por um intelectualismo cartesiano e que também explica uma diferenciação científica simplista entre indivíduo e sociedade calcada na unicidade da pessoa. Em aliança com o espaço físico, o espaço social aparece como “lugar de coexistência de posições sociais” (p.159),

em que o “eu” se inscreve no mundo, não no sentido consciente, mas pelo sistema de disposições incorporadas. Neste sentido, o *habitus* é uma chave para o entendimento deste mundo por ser um modo de operação, um conjunto de esquemas interiorizados, considerado a internalização permanente da ordem social no corpo humano. O *habitus* se constitui menos como um produto e mais como um processo.

A seguir, um trecho que explica o sentido prático do *habitus* que é habitado pelo mundo que o habita, numa relação de envolvimento que constrói o mundo e lhe confere sentido.

O mundo me abarca, me inclui como uma coisa entre as coisas, mas, sendo coisa para quem existem coisas, um mundo, eu compreendo este mundo: e tudo isso, convém acrescentar, porque ele me engloba e me abarca: é de fato por meio desta inclusão material – frequentemente despercebida [sic] ou recalcada – e de tudo que dela decorre, ou seja, a incorporação das estruturas sociais sob a forma de estruturas de disposição, de chances objetivas sob a forma de esperanças e de antecipações, que acabo adquirindo um conhecimento e um domínio práticos de um espaço englobante (sei confusamente o que depende e o que não depende de mim, o que é “para mim” ou “não para mim” ou “não para pessoas como eu”, o que é “razoável” para eu fazer, esperar, pedir). Contudo, só posso compreender esta compreensão prática sob a condição de compreender tanto o que a define propriamente, em oposição à compreensão consciente, erudita, como as condições (ligadas a posições no espaço social) dessas duas formas de compreensão. (BOURDIEU, 2001, p.159)

O espaço social é marcado pela distinção (as posições dos agentes são distintas e distintivas) e definido como uma estrutura de justaposição de posições sociais. A ordem social é reproduzida no espaço físico, definindo uma ordem de coexistência dos agentes e das propriedades. A socialização dos indivíduos depende de sua posição de classe e neste processo em que a posição ocorre num mundo social estruturado em campos, as restrições estruturais são incorporadas ao corpo formando disposições permanentes que orientam modos de pensar, esquemas de percepção, formas de postura e posições corporais. Assim, a singularidade do indivíduo é forjada nas relações sociais. Então, as posturas e os movimentos corporais são incorporados da mesma forma que valores e ideias e, inconscientemente, os agentes tendem a agir conforme as disposições que a sua posição de classe requer (BOURDIEU, 2001).

Nas palavras de Bourdieu:

Em outros termos, se o agente possui uma compreensão imediata do mundo familiar, isso ocorre porque as estruturas cognitivas aplicadas por ele constituem o produto da incorporação das estruturas do mundo no qual ele age, e também porque os instrumentos de construção empregados para conhecer o mundo são construídos pelo mundo. (2001, p.166)

Eis precisamente a função da noção de *habitus* que restitui ao agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, lembrando ainda que esta capacidade de construir a realidade social, ela mesma socialmente construída, não é a de um sujeito transcendental, mas a de um corpo socializado, investido na prática de princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no curso de uma experiência social situada e datada. (2001, p.167)

A exposição ao mundo faz com que os agentes sejam capazes de utilizar, sem decifrar, este mundo e os corpos trazem uma resposta adaptada para as tarefas que pretendem cumprir. As experiências passadas deste indivíduo/corpo no mundo inscrevem o *habitus* que, como sistemas de percepção e ação, orienta a operação tanto de conhecimentos práticos como a reação dos indivíduos com estratégias adaptadas e incessantemente renovadas. Contudo, cabe frisar que estas estratégias, sem cálculos racionais e viés utilitarista, situam-se nos “limites das constrictões estruturais de que são o produto e que as definem” (BOURDIEU, 2001, p.170)

Desta forma, o agente não é o sujeito absoluto de suas práticas porque, por mais lúcida que seja a sua atitude, as disposições que estão presentes no envolvimento com o jogo são introduzidas nas intenções deles, como “pressupostos constitutivos da axiomática prática do campo”.

Antes de prosseguir a abordagem do conceito de *habitus*, é mister tecer algumas considerações sobre a noção de campo, construção central na Sociologia bourdiesiana. Os campos são considerados para o teórico espaços sociais que, como microcosmos relativamente autônomos, possuem suas próprias regras, princípios e hierarquias. Uma maior força de um campo representa maior autonomia quanto às interferências externas, havendo menos a necessidade dos membros politizarem as suas questões para fora do campo. Os membros de um campo têm um capital de técnicas, de referências e um conjunto de valores que orientam a sua prática. Neste sentido, um *habitus* compartilhado entre os

membros do campo possibilita o conhecimento e reconhecimento das leis do campo. Existem posições, paradas em jogo e interesses específicos entre aqueles que estão no campo há mais ou menos tempo, sendo fundamental para o funcionamento do campo que existam pessoas dispostas a jogar o jogo deste e que conheçam estas regras. Assim, as estruturas que são incorporadas nos esquemas do *habitus* criam uma fé prática que permite uma antecipação às tendências imanentes do campo. (Bourdieu, 2003)

Seria o *habitus* tão determinista assim a ponto de práticas corporais não serem remodeladas? Este sistema de disposições estruturantes permite que variações apareçam dentro da estrutura organizada pelo próprio *habitus*, são feitas adaptações dentro da estrutura deste. Destarte, a metáfora da orquestra ajuda no entendimento, é como se estivesse sempre tocando a mesma música sem que houvesse um regente desta, mas há variações para tocar a música, um instrumento pode ficar mais alto, um músico desafinar um pouco, os músicos podem ter mais ou menos habilidade, a música, contudo, permanece. Como fica a mudança social e a agência dos dominados? A ideia é de não haver agente externo responsável por reger a orquestra, é a estrutura trabalhando.

Há de ser frisado que o automatismo varia de acordo com a posição ocupada no espaço social, assim os desclassificados se entregariam menos as disposições, com mais chance de tomar consciência sobre as práticas sociais por terem que se empenhar mais em corrigir um *habitus* deslocado, pouco adaptado ao campo.

Em relação à investigação em curso sobre práticas esportivas para mulheres, tecemos algumas reflexões a partir da teoria do antropólogo francês. O corpo que habita o mundo e incorpora os sistemas que orientam a sua ação possui um posicionamento na relação com outros indivíduos na ordem social distinguido pela classe social dos agentes para Bourdieu. Não seria relevante analisar esta materialidade do corpo pela perspectiva de um *habitus* sexuado? A feminização dos esportes, um campo em que existem lutas entre os dominantes e dominados marcados não só pela classe social, mas também pelo gênero, pode transformar o *habitus* das mulheres nesta ordem social em que são elas as dominadas? A partir desta reflexividade de um grupo desclassificado, um movimento consciente pode “despertar” novos agentes e romper tradições?

48% das atletas disputando a última edição dos Jogos Olímpicos são mulheres e muitas mudanças nas últimas décadas na participação feminina no mercado de trabalho e em outros campos são um sinal de transformação social. A ideia de Bourdieu sobre a adaptação a estruturas que são produzidas e definem o *habitus*, mesmo que haja uma criatividade e genialidade dos desclassificados em produzirem ações e classificações que impactam o campo, impede uma análise menos pessimista sobre a mudança e ignora a borragem de fronteiras da estrutura social.

O ativismo feminista no esporte indica que os esquemas classificatórios baseados no posicionamento de homens podem e devem ser questionados. As disposições produzidas pelo *habitus* que se conformam ao campo não funcionam como uma camisa de forças, há espaço para agências e subjetividades. Numa sociedade complexa, com marcadores de posicionamento que não se reduzem à classe social, mulheres e homens estão sujeitos a múltiplas narrativas e representações sociais.

Neste sentido, Rojo (2016) pesquisou a socialização de velejadores de um clube de vela na cidade de Niterói e como os *habitus* dos atletas são forjados como efeito a múltiplos discursos e práticas, não apenas no ambiente do clube. O antropólogo apresenta, dentre outros exemplos, a história de Isadora, uma menina que fazia aula de vela a despeito do medo de sua mãe e da sua consideração de que alguns esportes não são adequados para mulheres. Seu pai considerava que as crianças, meninas inclusive, devem praticar alguma atividade física. Na socialização de Isadora, discursos divergentes estão presentes, dialogando e duelando no *habitus*, este processo de incorporação dos sistemas de ação, classificação e percepção. Rojo discorda do entendimento bourdieusiano de que os estilos pessoais seriam um desvio, dentro da variabilidade possível na estrutura, em relação ao *habitus* do grupo próprios de uma época e lugar. Então, o pesquisador sustenta a existência de “um espaço de agência que ultrapassa o mero ‘desvio’ em relação a uma norma de ação, tal como proposto pela perspectiva de Bourdieu” (Rojo, 2016).

As restrições estruturais que definem e são produtos do *habitus* não abarcam, num único sentido, os corpos, as posições no campo se justapõem, o que acarreta mensagens diversas e conflitantes no processo socializador. Mesmo

que tenha havido uma aprendizagem da masculinidade e da feminilidade cuja tendência corresponde a inscrever a diferença entre os sexos nos corpos, inculcando limites sociais e naturalizando classificações sociais sob formas de divisões nos corpos (BOURDIEU, 2001, p.172), o *habitus* construído das atletas não tem relação única com o sexo biológico, nem apenas com a classe social. Várias gramáticas são mobilizadas na incorporação do mundo social, o que impõe a possibilidade da agência atuando sobre a transformação do mundo.

Ao abordar o tema da corporalidade nos esportes, Cilene Oliveira (2021) argumenta que um conceito guarda-chuva como corporalidade nos impulsiona a relacionar conceitos como *habitus*, performance e outros. O olhar sobre o corpo envolve, da mesma maneira, um debate epistemológico que revisa conceitos que partem da experiência corporal como o conceito de *habitus* de Bourdieu. Oliveira, em sua pesquisa sobre os esportes de aventura, recria o conceito bourdieusiano, oferecendo uma interpretação de que há uma estilização das performances por parte de seus interlocutores que combina atos treinados pelo atleta com a subjetividade dele, logo, o *habitus* seria recriado no contexto da prática esporte. A expressão “performatividade esportiva” que faz referência aos estudos de Judith Butler é escolhida para a reflexão pelo entendimento de que o *habitus*, tal como postulado por Mauss, contribui para a separação entre natureza e cultura, expondo o corpo como uma matéria prima em que é inscrita a cultura, enquanto para Butler “os corpos não são superfícies de inscrições, mas a materialização das produções discursivas”.

Tanto Oliveira quanto Rojo apoiam suas críticas ao conceito de *habitus* no posicionamento de Judith Butler. A teórica estadunidense questiona a fundamentação do conceito pelo ideal de adaptação, que expressa a crença na veracidade das regras deste campo. “O *habitus* pressupõe que o campo é a condição de sua própria possibilidade” (BUTLER, 1999, p.117). Jogando o jogo, o *habitus* se constrói condicionado pelo reconhecimento das regras do campo e as disposições incorporadas acabam, pela perspectiva de Bourdieu, por se conformar a essa. Desta forma, essa relação implica a não alteração do campo pelo *habitus* dos agentes, algo questionado por Butler. Bourdieu peca por ignorar que muitos agentes não sigam a tendência dos sentidos impostos pela estrutura e que eles não sejam formados “precisamente pela sua participação no jogo social

no interior de cada campo social” (BUTLER, p.119). Portanto, a filósofa considera que o campo não é um dado imutável e que usar uma metáfora espacial para tratar desses campos invisibiliza os posicionamentos temporários decorrentes de formas instáveis de agenciamento dos capitais entre si. Em resumo, o jogo praticado pelos agentes pode modificar o campo.

Uma obra que, embora não dialogue com o conceito de *habitus*, inspira um debate sobre estrutura e agência nos estudos de gênero consiste no livro *A mulher no corpo*. Em seu trabalho sobre os discursos da biomedicina acerca da reprodução, Emily Martin (2006) apresenta uma análise feminista no escrutínio da produção de saberes sobre o corpo da mulher. A antropóloga produziu um projeto original de investigação que, a despeito das diferenças de classe, raça, ocupação, etária etc. entre as mulheres informantes de Baltimore (EUA), partiu da experiência comum partilhada pelas mulheres de serem “afetadas de uma forma ou de outra pelos conceitos médicos e científicos do processo corporal feminino”. (p.37). Mesmo a ciência médica sendo responsável por construir uma narrativa hierarquizando e controlando os corpos das mulheres, estas confrontam as concepções da medicina através de uma experiência a partir do corpo. As mulheres ressignificam/reapropriam os discursos médicos sobre seus corpos, o que pode alterar as estruturas.

No campo da biomedicina, o ativismo de mulheres que tomam consciência sobre as lutas e opressões aos seus corpos no discurso e práticas médicas tem causado fissuras nas relações de poder dentro do campo. O movimento feminista contribui para a socialização de mulheres reflexivas sobre as relações de poder em várias dimensões, como esportes e medicina, e resistentes em seguir as tendências impostas pela estrutura de dominação. Seus valores, comportamentos e ações tensionam os posicionamentos na ordem social e alteram sim o campo.

A crítica dirigida a Bourdieu por teóricas feministas são de duas ordens: falta de diálogo com referências do campo feminista e dificuldade de integrar a mudança ao seu contexto analítico. Sobre a primeira crítica, é significativo que o francês tenha escolhido no livro *A dominação masculina* tratar da divisão sexual, mas não tenha dialogado com a produção de teóricas feministas no período, nem tenha feito menções ao conceito de gênero em suas obras. Há um silêncio sobre

teóricas importantes o que indica uma negligência de referências femininas nas representações da ordem social, algo que poderia iluminar pontos de fissura no quadro teórico construído por Bourdieu. (DEVREUX, 2014) Com relação à impossibilidade de transformação social, uma questão central para as variadas vertentes do movimento feminista, o sociólogo é criticado por dar muita força às imposições das constrictões estruturais, diminuindo o poder dos agenciamentos e das mudanças de posição. O autor não conseguiria, segundo suas críticas, ultrapassar a concepção de reprodução social mobilizada pelo conceito de *habitus*.

Não podemos negar o olhar de Pierre Bourdieu às nuances de gênero e à dominação masculina em alguns campos. Contudo, a sua lucidez para analisar a dominação esbarrou na força da ideia de pertença dependente do posicionamento de classe social e na ausência de diálogo com autoras feministas que enfatizaram outros princípios identitários que não a classe. Na Sociologia do esporte bourdiesiana, a divisão sexual revelada nas práticas esportivas não recebeu nenhum destaque. Alan Tomlison (2004) verifica que a escolha analítica pela classe social ao trabalhar com esportes amarrou o escrutínio das práticas esportivas, que possuem a combinação de capitais na formação de *habitus* dentro do campo de esportes. Destarte, para Tomlison, os escritos sobre o ativismo feminino no esporte têm demonstrado que o *habitus* pode mudar como consequência da inter-relação de práticas dos agentes em luta no campo, o que se baseia numa crítica ao aspecto reprodutivo do trabalho de Bourdieu nos esportes por destinar muito pouco espaço para a oposição e a resistência. Desta forma, os efeitos políticos decisivos das lutas que ocorrem no campo não estão apenas engendrados ao capital econômico, outros capitais, como gênero, influem para o impacto sobre as práticas esportivas.

Vôlei e MMA: corporalidades e ativismo das atletas

Ao pesquisar os sentidos da gravidez e da maternidade para atletas de alto rendimento, a biografia de uma jogadora de vôlei apareceu com constância nas falas de outras mulheres: a cortadora Isabel Salgado, falecida em 2022. Sua trajetória inspiradora é lembrada também pelas gravidezes que teve enquanto estava em atuação. A análise de jornais e revistas da década de 1980 (Simas,

2023) revelou que Isabel desafiou ordens médicas, permanecendo em quadra mesmo em gestações avançadas. A imagem da atleta grávida impactou um discurso da mídia sobre o novo ideal de maternidade, com mulheres ativas e fortes em oposição à grávida sedentária (SCHWENGBER, 2012), mas não apenas para fora do campo esportivo, sendo uma quebra na concepção de corpo atlético, muito fundamentada num corpo que não é o da mulher. O ativismo da jogadora não se limitou a jogar durante a gravidez, ela protagonizou disputas com técnicos e a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) que renderam punições para a atleta por indisciplina, contudo, seus posicionamentos contribuíram para alterações no esporte que estava passando de uma prática amadora para uma atividade profissional nos anos 1980.

Isabel foi a atleta que teve muita projeção na mídia alavancada pelo desempenho esportivo de sucesso, porém, outras atletas da modalidade já reivindicavam alterações nos regulamentos do vôlei naquele período. Não era incomum o abandono do esporte por aquelas que queriam se dedicar a outras carreiras ou mesmo escolhiam o casamento em detrimento do vôlei, mas havia aquelas que se posicionavam bastante sobre os obstáculos impostos às mulheres no esporte e lutavam pela permanência e transformações. A existência de um público expressivo que assistia as partidas e uma preferência da modalidade como segundo esporte no país auxiliava a tomada de posição das atletas, nesta prática em que não houve uma distinção entre homens e mulheres tão acentuada quanto em outras, como por exemplo, o MMA, as artes marciais mistas.

Na atualidade, os frutos das manifestações realizadas anteriormente podem ser vistos com uma intensa participação das jogadoras de vôlei demandando a conciliação da carreira com a maternidade e mesmo por estarem grávidas atuando nas quadras, como fez Paula Pequeno nos anos 2000. A frase da Thayza Daher na abertura deste artigo exemplifica condutas regulares no meio de vôlei com questionamentos sobre calendários das competições, pontuação perdida no ranking com a saída para a licença maternidade e diminuição dos salários por conta desta licença. Sobre estas pautas, vale informar que a partir de um comentário feito no Instagram pela ex-jogadora de vôlei Maria Elisa Antonelli em 2021 sobre o que considerava injusto na perda de pontuação das atletas que precisam se afastar na gravidez e por uns meses depois do nascimento, a CBV

alterou o cômputo de pontuação para estes casos, mantendo por 18 meses os pontos conquistados antes da gravidez. Outras jogadoras das quadras já entraram em disputas judiciais contra os clubes requerendo a integralidade dos proventos, cortados durante a licença maternidade, tendo conquistado vitórias judiciais.

Em julho de 2023, houve alterações no Bolsa Atleta por uma lei sancionada pelo presidente Lula, cuja relatoria foi da senadora Leila, ex-atleta do vôlei, durante a chefia do Ministério dos Esportes pela ex-voleibolista Ana Moser. Este dispositivo legal ampliou o pagamento da bolsa em casos de gravidez e a continuidade da pontuação anterior à gestação para a classificação no processo seletivo da bolsa, isto para todas as modalidades esportivas contempladas nesta política pública. É bom frisar o quanto as atletas do vôlei se posicionam publicamente sobre a temática e conquistaram até uma igualdade salarial entre homens e mulheres e nas premiações na sua área.

Algumas entrevistas com ex-jogadoras do vôlei indicaram que persistem os obstáculos para a manutenção de uma carreira profissional no esporte para as mulheres e as dificuldades de projetarem a maternidade antes da aposentadoria das quadras, mas se tanto a agência delas pode ser no sentido de trocar de profissão, algumas persistem e atuam para alterar as regras do jogo. As modificações não ocorrem com tanta rapidez se pensarmos numa comparação com uma revolução, contudo, não podem ser descartadas como fissuras numa estrutura em que as mudanças estão se processando. Não é incólume as disputas narrativas sobre o que seria um atleta de vôlei que elas fazem rotineiramente e em consequência novas concepções de corpo do atleta, saúde e doença vão se formando.

Diferentemente do vôlei em que a prática esportiva se desenvolveu para homens e mulheres concomitantemente, tanto nos Jogos Olímpicos em que a estreia do esporte ocorreu para ambos os sexos, quanto no cenário nacional, as lutas em geral foram expressamente proibidas para as mulheres por muito tempo. No final da década de 1970, a confederação de judô permitiu a participação de mulheres em competição oficial, o que marcava a mudança de uma concepção que ainda se mantém sobre a inadequação de mulheres praticarem luta, principalmente em algumas modalidades como o MMA. Cabe frisar que o

presidente do maior evento de MMA declarou em 2011 que as mulheres nunca seriam vistas no UFC, o *Ultimate Fighting Championship*. Na atualidade, Dana White discursa que estava errado quando disse aquilo, defende a igualdade de gênero nas premiações, reconhece a importância das mulheres para a audiência do esporte e ressalta que nesta modalidade não são feitas adaptações para as mulheres competirem.

Nas entrevistas realizadas com atletas de um Centro de Treinamento (CT) localizado no Rio de Janeiro, não foi incomum encontrar relatos de barreiras à prática esportiva da luta por parte de suas famílias, já algumas relataram o estímulo que receberam por estarem em família de outros lutadores. O CT possui aulas de diferentes modalidades de luta e agrupa atletas que disputam diversas lutas como jiu-jítsu, wrestling e boxe. Há 6 anos, poucas eram as mulheres treinando para as competições profissionais, por volta de 5, enquanto atualmente este número passa de duas dezenas, com muitas atletas chegando de outros estados para passarem uma temporada no centro de treinamento. Elas indicam que há espaço para a projeção de mulheres na luta, mas almejam o MMA pelos maiores pagamentos, sem deixar de ver avanços nos prêmios de outros campeonatos que tem ocorrido pela pressão de atletas mulheres reconhecidas. Num evento nacional no jiu-jitsu, algumas judocas com ótimos resultados se negaram a participar a menos que as premiações fossem iguais para homens e mulheres, a organização alterou os valores e atendeu o pleito destas atletas.

Enquanto no vôlei, as atletas mais reconhecidas reivindicam a possibilidade da maternidade, no MMA esta não é uma questão que tenha muita acolhida. As lutadoras se preocupam em ampliar o espaço das mulheres nas competições, garantir premiações mais satisfatórias (eventos menores nacionais ainda carecem de falta de estrutura e têm prêmios insignificantes) e inibir ações machistas no esporte. Uma das questões levantadas por elas sobre seus corpos indicava o incômodo por serem cobradas por um padrão de feminilidade que agrade os homens. As atletas pontuam que o MMA é um esporte-entretenimento e que além de serem boas lutadoras, elas precisam ser consideradas bonitas e terem engajamento nas redes sociais para serem contratadas ou se manterem em grandes eventos.

A objetificação do corpo feminino se limita a uma hipersexualização destes corpos. Quando se trata de gravidez, é terminantemente proibido lutar grávida, sendo realizados testes de gravidez antes de todas as lutas em competições, mesmo nas menores. Para as atletas da luta, a gravidez é vista como uma lesão, por isso, a evitam e muitas não têm planos de maternidade antes da aposentadoria no esporte. As lutas travadas neste campo esportivo consistem em garantir que diferentes corpos atléticos de mulheres tenham espaço no octógono, sejam as aparências dentro do padrão de feminilidade imposto ou não. Não há um questionamento da força necessária para o corpo, nem da disciplina necessária para os árduos treinos, mas elas querem que a avaliação seja com relação aos méritos das atletas, como lutam, não por serem mulheres.

O histórico das diferentes modalidades de esportes indica que as forças das mulheres em seus pleitos dependem de outros capitais que não apenas o gênero. Contudo, o gênero é um aglutinador de demandas, capaz de organizar um sujeito político que faça frente e produza mudanças no campo. Se elas não iriam nunca ser vistas no MMA, pela fala do organizador deste há 13 anos atrás, hoje elas têm contratos que pagam o mesmo que os homens e são consideradas estrelas do evento. No vôlei, a entrada mais consolidada das mulheres no esporte e um público dos jogos composto também por mulheres facilita outros embates, como a possibilidade de gestar e ter os direitos à licença maternidade garantidos. As entrevistas com atletas e ex-atletas revelam que as narrativas estão sendo disputadas dentro do campo esportivo, sendo elas agentes que incorporam muitas das regras existentes na prática esportiva e questionam tantas outras que colidem com outros valores que elas carregam de outros posicionamentos sociais.

Considerações finais

De maneira bastante irônica, Bourdieu questionava os estudos que pretendiam considerar os agentes como unicidades racionais que calculavam suas ações e agiam de forma utilitarista para conquistar um objetivo. Contrapondo-se a um intelectualismo escolástico nas ciências humanas, o francês considerava que o incômodo da Sociologia consiste mais em fazer conhecer as determinações sociais que incidem sobre os seres humanos do que as rupturas radicais que, dizia ele, frequentemente deixavam as coisas intactas. Dentro desta

perspectiva, o seu conceito de *habitus* é uma importante chave analítica para a investigação das relações do corpo com a ordem social. Só que nenhuma chave abre todas as portas e a realidade social é mais complexa do que quer a teoria.

E quando a mudança é um fator importante no campo? Tanto no campo acadêmico quanto naqueles impactados pelo ativismo feminista, o apego da teoria de Bourdieu à reprodução social e seu ceticismo sobre a transformação pode ser considerado um problema. Como resolver este problema? Algumas teóricas refutam a ontologia de seus postulados, outras podem se apropriar de uma parte de seu quadro conceitual e trazer novas nuances para alguns conceitos, como o de *habitus*.

Divagando sobre a metáfora da orquestra mencionada neste texto, penso que ações individuais podem tocar notas tão diferentes das que constavam nas partituras oficiais que vão sim alterar a música. E estas alterações podem ou não ser referendadas a depender de como os ouvidos são treinados e quem são os legitimados para falar sobre o campo. Portanto, a perspectiva de considerar o jogo indivíduo/ sociedade, *habitus*/estrutura um processo como preconiza Butler me parece mais profícua para dar conta das lutas existentes dentro do campo esportivo, cujas protagonistas disputam as narrativas sobre regras e princípios deste campo.

As modificações bastante expressivas ocasionadas pelo ativismo das mulheres no esporte como novas concepções sobre corpos de atletas que engravidam e menstruam e a própria entrada de mulheres em práticas esportivas outrora proibidas, não devem, ao meu ver, ser consideradas como meros desvios de *habitus* dentro do campo. Os agenciamentos que inclusive atuam nas fronteiras do campo, entendendo que este não se encontra isolado de outras dinâmicas sociais para além das disputas de classe social, impactam e modificam a estrutura, criando novos *habitus*.

Em suma, as investigações que tenham como objeto práticas esportivas de mulheres podem ou não se apropriar de discussões realizadas por Pierre Bourdieu, com o cuidado de ouvir o campo para que as transformações sociais não sejam ignoradas. Por isso, as teóricas dos estudos de gênero são relevantes para qualificar os trabalhos com referências outras sobre identidades e representações

do mundo, pensando num *habitus* sexuado que não pode ser desconsiderado em tais análises.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. O conhecimento pelo corpo. In: **Meditações Pascalianas**. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim do Século – Edições Sociedade Unipessoal Ltda., 2003

BUTLER, Judith. Performativity's social magic. In: SHUSTERMAN, R.(dir.) **Bourdieu. A critical Reader**. Oxford/Malden: Blackwell Publishers, 1999, p.113-128.

CITRO, Silvia. La antropología del cuerpo y los cuerpos en el mundo. In CITRO, S. (coord.) **Cuerpos plurales: Antropología de y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

DEVREUX, Anne-Marie. Pierre Bourdieu e as relações entre os sexos: uma lucidez obstruída. In: CHABAUD-RYCHTER, Danielle et al. (Org.) **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**, 1ª Edição, São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

HANDMAN, Marie-Élisabeth. Marcel Mauss e a divisão das sociedades por sexo: um programa inacabado. In: CHABAUD-RYCHTER, Danielle et al. (Org.) **O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour**, 1ª Edição, São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

JACKSON, Michael. Conocimiento del cuerpo. In: CITRO, S. (coord.) **Cuerpos plurales**. Buenos Aires: Biblos, 2010.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OLIVEIRA, Cilene. “O corpo não translada, mas muito sabe”: refletindo sobre a construção de corporalidades na Antropologia dos Esportes no Brasil. In: CAMARGO, Wagner; PISANE, Mariane; ROJO, Luiz Fernando (Orgs.) **Vinte anos de diálogo: os esportes na Antropologia Brasileira**, 1ª Edição, Brasília: ABA Publicações; Curitiba, Brazil Publishing, 2021.

ROJO, Luiz Fernando. O gênero para além do sexo: discussões a partir de uma etnografia na vela de Niterói (RJ). In: **30ª Reunião Brasileira de Antropologia**, João Pessoa, 2016.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Mãe moderna: esportiva e forte. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 32, n. 87, p. 165-176, Aug. 2012.

SIMAS, Raquel. Representações sobre gravidez e maternidade de Isabel Salgado na mídia brasileira dos anos 1980. In: **1º Simpósio de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo** – FEGECCAP, Recife, 2023.

STRATHERN, Andrew. **Body thoughts**. Michigan: University of Michigan Press, 1999.

TOMLINSON, Alan. Pierre Bourdieu and the Sociological Study of Sport: Habitus, Capital and Field. In: GIULIANOTTI, Richard: **Sport and Modern Social Theorists**. Hampshire: Palgrave, 2004.